

- Home
- Editorial
- 1º Plano
- Entrevista
- Empresas
- Management
- Mercados
- Pol. Económica
- Internacional
- Opinião
- Casual



Assembleias gerais agitadas

Já nos clubes as assembleias são mais animadas e a do Benfica SAD, com a OPA de Berardo, que é não solicitada será certamente mais interessante que a do BCP

13-07-2007, João Caiado Guerreiro

A vida interna das empresas interessa normalmente apenas aos seus accionistas. Raramente, as assembleias-gerais de uma empresa fazem manchete de jornais ou dão notícias de televisão. Para o Amigo Leitor que nunca tenha participado numa, fique sabendo que uma boa assembleia-geral é uma coisa organizada, ordeira e monótona. Não dá notícias de jornais. Assim se passa com a maior parte das empresas portuguesas. Das assembleias-gerais, que normalmente são anuais, apenas costumam sair peças dizendo os resultados da empresa ou quem foi eleito para a administração. O Leitor atento verá porém que as Assembleias são convocadas por anúncio no jornal – agora já dispensado por lei em certos casos – e também no sítio <http://publicacoes.mj.pt/>. Uma assembleia-geral é presidida por um senhor, normalmente advogado, que tem como função manter a ordem nos trabalhos. Costumeiramente, a função é atribuída a alguém com experiência e prestígio, que começa por ler a convocatória e colocar os vários pontos em discussão. Frequentemente, os administradores (mais o presidente que os outros) dão informações aos accionistas e estes fazem algumas perguntas. Tudo se passa com relativa placidez e tranquilidade. Uma ou outra vez, como é normal, há uma ou outra pergunta mais agressiva. Com alguma frequência, há accionistas minoritários – alguns podem mesmo ter investido muito dinheiro – que tentam pressionar determinadas políticas: mais distribuição de dividendos, um share buy back para aumentar o preço das acções, etc.. Muitas vezes, estes accionistas utilizam mesmo a imprensa, normalmente a especializada, para fazerem passar a sua mensagem e conseguirem mais apoios de outros accionistas ou, simplesmente, pressionarem as administrações. Raramente, as reuniões de accionistas de empresas ou bancos são muito agressivas, mesmo que alguns tenham mão de ferro, esta está coberta por uma luva de veludo. Talvez a realidade actual deixe saudades de Alfredo Silva, o maior industrial português, que chegava a ameaçar dar “umas bengaladas” aos que não concordavam com ele. Nas assembleias-gerais das grandes empresas os ataques são subtis, e muito técnicos, e só uma vez vi as coisas chegarem perto das bengaladas. Mesmo assim, as reuniões podem ser duras e violentas: os ataques podem destruir ou macular severamente a reputação de gestores, advogados ou accionistas. E quem gere grandes empresas depende da confiança da maioria dos accionistas e dos reguladores.

Já nos clubes as assembleias são mais animadas e a do Benfica SAD, com a OPA de Berardo, que é não solicitada será certamente (escrevo antes da sua realização) mais interessante que a do BCP, pelo menos para o Leitor que goste de espectáculo. Na banca, os assuntos tratam-se com punhos de renda, no futebol ficam só os punhos. E não é por as pessoas serem



diferentes. É porque o futebol é paixão e um banco é confiança: um banqueiro que seja benfiquista falará de uma forma bem diferente na reunião magna do seu clube que na do seu banco.

Em qualquer caso, o objectivo é o mesmo: dar o poder a quem investiu e lá colocou o seu dinheiro. É preciso lembrar, afinal, que mesmo o presidente do Benfica ou um banqueiro deve respeitar os investidores. Estes são o verdadeiro patrão.